

Manuel Castelo-Branco

É mágico confiar na “mão invisível”

LUIS SANTOS

“Nasci acidentalmente em Arganil, mas a minha naturalidade real é Cantanhede, onde vivi desde pequeno. Com 16 anos já tinha muitos amigos em Coimbra, porque vinha cá desde os 14 anos para a Alliance Française e para a Casa Alemã. Nos fins-de-semana, entre 1976 e 1980, estava sempre cá, porque já fazia parte da Juventude Centrasta (JC) e praticava atletismo, como federado pela Sociedade Columbófila Cantanhedense, tendo sido campeão distrital de velocidade, em 100 metros.

Entrai muito cedo na JC e em 1976 era o benjamim, com António Lobo Xavier, e Manuel Queiró e Lucas Pires já no partido. A JC, em Coimbra, era na altura muito mais à Direita que o CDS nacional, via influência de Lucas Pires. Estive ideologicamente na extrema Direita e o meu trajecto é contrário ao das elites actuais do PSD, que vieram da extrema Esquerda para a social-democracia e o liberalismo. Eu vim da extrema Direita para o centrismo, para a democracia-cristã.

Em 1980 já estava sintonizado com o centrismo e a democracia-cristã, quando o partido começava a ter uma inflexão de sentido diferente. O partido era centrista e começou a ter uma deriva mais nacionalista, com Lucas Pires e com o próprio Adriano Moreira, e tivemos depois Manuel Monteiro e Paulo Portas. Desfiliei-me em 2000, quando a dessintonia já era total. Eu era centrista, o partido já não o era, nem democrata-cristão, portanto eu estava a mais e saí.

O CDS teve uma deriva e não sei o que é hoje. A primeira deriva do CDS traduz uma redução do espectro político, que aconteceu com Lucas Pires, com uma inflexão no sentido liberal. Depois



“Hoje temos o triunfo total do materialismo desumano”

tivemos Adriano Moreira, com um pensamento social-cristão, mas mais direitista, e depois o populismo da dupla Monteiro-Portas. Um populismo anti-europeu, nacionalista, totalmente afastado da matriz europeísta do partido e da matriz democrata-cristã. Hoje não sei o que é o partido, porque Paulo Portas foi sucessivamente nacionalista, anarquista de direita, e já se qualificou como conservador e como liberal, no tempo de Ribeiro e Castro.

Se o PSD fosse um partido social-democrata não teria qualquer problema, não em aderir, porque o tempo das filiações acabou, mas em ter alguma afinidade. Actualmente é um partido do ultraliberalismo e totalmente incompatível com a matriz de Sá Carneiro. Com o partido socialista estamos na mesma, porque de socialismo democrático

não vejo rigorosamente nada. Falo em matérias de Estado social, legislação laboral, de matéria fiscal. Estão todos convertidos à terceira via, a uma ideologia de neutralidade axiológica, ao ecumenismo e ao fim do ideológico, como se a economia e a “mão invisível” tivessem, de facto, substituído o pensamento, as ideias, as ideologias.

Sempre recusei o fim da história marxista e recuso o fim da história do liberalismo da “mão invisível”. Acho que as ideologias são muito importantes e é essencial voltar a haver partidos ideologicamente diferenciados, no campo democrático, partidos social-democratas, socialistas democratas, democrata-cristãos, liberais, conservadores, tudo. Recuso esta massa indistinta de uma “mão invisível” ideológica e

que tem trazido sérios problemas não só a Portugal, mas à Europa, aos EUA e ao mundo.

Vivi anos combatendo ideologicamente o marxismo, porque sempre me pareceu abusiva a submissão do político ao económico. O económico não deve comandar a vida, mas é instrumental da vida humana. A economia, as finanças, são instrumentais para a realização do homem. Vejo, de facto, com enorme desgosto, que o materialismo de natureza marxista se substituiu o materialismo de natureza capitalista. O que vivemos é um período de materialismo-histórico, puro e duro. Quando é mais importante o défice, ou os credores, do que o emprego, do que cada concreta pessoa desempregada, temos o triunfo total do materialismo desumano. Continuo totalmente fiel ao humanismo radial da doutrina social da Igreja e à democracia-cristã.

Houve um ciclo no ISCAC - “Isto já não é um Estado de Direito” -, porque tivemos a convicção de que a protecção dos cidadãos, a não retroactividade das leis, os direitos essenciais civilizacionais conquistados, tudo isto estava a ser colocado em causa. Hoje é mesmo a Democracia que está em causa e estou perfeitamente à vontade porque sou acompanhado nesta opinião por Pacheco Pereira, Manuela Ferreira Leite, Bagão Félix, Mário Soares e Freitas do Amaral, que penso não serem revolucionários perigosos.

Hoje temos uma democracia puramente formal e penso que o actual Governo não tem legitimidade democrática, porque tanto o programa ideológico, os princípios programáticos, como o programa eleitoral sufragado divergem tanto.

Por outro lado, tem políticas que atentam frontalmente contra a Constituição, o Estado de Direito e carecem de legitimidade material. Infelizmente não temos um Presidente da República à altura, o que não me surpreende porque nunca fui um fã, nem devoto de Cavaco Silva”.

Politicamente estamos a ir rapidamente para um período de pré-revolução francesa, onde havia nobreza e clero (coloque-se agora capital), e havia povo (coloque-se agora trabalhadores, pensionistas e agricultores). E estamos num período tipo revolução industrial em ter-

mos de matéria de condições de trabalho.

Todo o caldo económico e social está a começar a reproduzir-se, nomeadamente o desemprego, e sabe-se que não foi a hiper-inflação na Alemanha que provocou a ascensão de Hitler, mas o desemprego. E ele está aí. É chocante porque o trabalho é humano, trabalhar é indissociável da dignidade da pessoa e do sentido da própria vida humana. Ao desemprego a história responde com convulsão social, revolução, ou guerra. E as revoluções acontecem quando as pessoas são confinadas ao estatuto de coisas”.

E AINDA

“Foi muito gratificante ter sido chefe de Gabinete da ministra da Justiça Celeste Cardona. Foi convidado apesar de já estar desfilado do CDS e desconstruído as minhas ideias sobre a Administração Pública: É de altíssima qualidade, competência, dedicação e trabalho. O ensinamento que me trouxe é de que devemos trabalhar com quem não é da nossa cor ideológica e Celeste Cardona não substitui nenhum director, por ser do PS, nem no gabinete de apoio técnico, e tivemos o máximo de lealdade, competência e zelo”.

“Penso que o sistema de Justiça está como os partidos, irreformável. A culpa não é dos juizes, mas os tribunais hoje são aparelhos ideológicos do Estado, reproduzindo naturalmente os interesses das classes dominantes. Isto é, há uma Justiça para poderosos e uma para os não poderosos, o que é gravíssimo num Estado de Direito, e não são o efectivo contra-peso aos desmandos do poder executivo e legislativo. A separação de poderes em Portugal não está a funcionar”.

“Sempre fui regionalista e, na capital, percebi que a derrota da regionalização foi fatal, porque permitiu o avanço para níveis insustentáveis do centralismo lisboeta. Coimbra é cada vez mais uma cidade periférica e Lisboa cada vez mais uma cidade-Estado”.

“O objectivo foi tornar o ISCAC na verdadeira escola de negócios e de gestão de Coimbra, mantendo excelentes relações com as faculdades de Economia e de Direito, que têm colaborado imensamente, e com a reitoria da Universidade. Não somos concorrentes, somos complementares numa área para a qual temos uma vocação especial, a nível privado e público”.

“No ISCAC procuramos uma formação humanística, crítica e relativamente do conhecimento, através de actividades extra-curriculares, com colóquios, tertúlias, debates, música, cinema, teatro. Temos tentado que os alunos saiam da escola com uma visão humanista e plural, porque não queremos impor qualquer visão do mundo e da vida, da economia, da ciência, da ideologia. É uma escola plural”.

“Tanto o actual papa Francisco, como Bento XVI, como João Paulo II, denunciaram a desumanização do pensamento liberal fundado na “mão invisível”. É um pensamento que não tem qualquer sustentação ideológica, nem científica. Entender que há uma qualquer “mão invisível” que regula os mercados e por essa via conduzirá automaticamente ao bem-estar e à felicidade é um pensamento mágico. Tão mágico como o pensamento do fim da história com a luta de classes do marxismo. É um pensamento mágico, muito pobre e falacioso, basta ler Paul Krugman, Joseph Stiglitz, George Akerlof, Karl Polanyi, Robert Reich, Bob Dilemma, Thorstein Bunde Veblen, para perceber

BI

Um radical humanista

Manuel Castelo-Branco, 48 anos de idade, qualifica-se como um humanista radical, sendo radical no personalismo e no centrismo. Presidente eleito, desde Março de 2010, do Instituto Superior de Contabilidade e Administração de Coimbra (ISCAC), é ali docente desde 1990 e professor-adjunto desde 1997, com regência das disciplinas de Direito Fiscal, Direito dos Tributos, Direito Tributário, Direito das Obrigações, Noções Fundamentais de Direito e Direito Europeu e com co-regência da disciplina de Introdução às Ciências Sociais e

Sociologia. Já foi assistente da Faculdade Lusíada do Porto, no Instituto Bissaya Barreto e monitor na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, em cadeias regidas pelos professores Castanheira Neves e Gomes Canotilho. Exerce advocacia, desde 1989, foi chefe de gabinete, em 2002, da ministra da Justiça Celeste Cardona e sócio-fundador e administrador da Cnoestaminal. A nível político-partidário foi conselheiro nacional do CDS (de 1997 a 2000) e vice-presidente da Distrital de Coimbra (1997-1999).